

Aida Valadas de Lima

A agricultura a tempo parcial em Portugal — uma primeira aproximação à sua quantificação*

1. INTRODUÇÃO

Quem se debruça sobre a caracterização e análise da agricultura e do espaço social rural em Portugal não pode deixar de se confrontar com a importância, diversidade e expansão recente do plurirrendimento das famílias agrícolas. De facto, em 1979, e para o continente, as explorações agrícolas dos produtores individuais¹ recenseados como tendo rendimento exclusivamente agrícola representavam apenas 17,9% do total.

De um total de 778 782 explorações², 639 108, isto é, cerca de 82%, pertenciam a produtores individuais cujo rendimento total do agregado doméstico provinha simultaneamente da actividade agrícola e de actividades e/ou de rendimentos extra-exploração. Destas, 73,8% obtêm da exploração agrícola menos de 50% do seu rendimento total. Em Portugal é, portanto, numericamente importante uma agricultura que assenta no plurirrendimento, isto é, que se caracteriza pela associação com outras actividades desempenhadas fora da exploração e/ou outros rendimentos: juros de poupança, reformas ou pensões sociais, remessas da emigração.

Não sendo a agricultura a tempo parcial, ou, mais genericamente, a agricultura de plurirrendimento, algo de novo em Portugal³, o facto é que apro-

* Este trabalho constitui uma primeira exploração da informação agregada para o continente contida no *Recenseamento Agrícola de 1979*. Para aprofundamento do estudo da agricultura a tempo parcial em Portugal recorrer-se-á, posteriormente, a dados bastante mais desagregados, descendo ao nível de concelho, com a colaboração, para o tratamento informático, do Dr. Francisco Cabral Cordovil, assistente do ISCTE.

Quero exprimir os meus agradecimentos ao Prof. Manuel Villaverde Cabral, pela ideia do tema e pelo estímulo ao início da investigação, ao Dr. Fernando Medeiros, por úteis trocas de impressões sobre a agricultura a tempo parcial em Portugal, e ao Dr. Edgar Rocha, cujas críticas e sugestões me permitiram melhorar o texto.

¹ Produtor individual: quando o produtor agrícola é uma pessoa singular.

² Inquiridas pelo Inquérito Normal, isto é, aquelas que se recortam com o essencial dos cursos agrícolas. Pelo Questionário Simplificado foram inquiridas as explorações agrícolas que, não satisfazendo as condições para serem inquiridas pelo Questionário Normal, tinham 200 m² ou mais de área agro-florestal e/ou qualquer cabeça de gado, colmeia ou cortiço e/ou 10 ou mais animais de capoeira. A sua expressão numérica é variável consoante as regiões, sendo, por vezes, significativa.

³ Nos finais da década de 60, princípios da de 70, a emigração alcançou tal importância que, nalgumas regiões, as remessas dos emigrantes quase superavam a produção agrícola (o PAB), tendo como consequência uma apreciável percentagem da população agrícola não depender da agricultura para preencher a maior parte das suas necessidades monetárias.

fundar o conhecimento das formas de que se reveste hoje contribuirá para a análise dos mecanismos económicos e sociais subjacentes ao processo de transformação da agricultura, sob o impacto de processos de industrialização e urbanização recentes.

O objectivo deste texto é limitado e bem definido: traçar uma delimitação e uma quantificação genéricas do fenómeno da agricultura a tempo parcial em Portugal, a partir dos dados do *Recenseamento Agrícola do Contínente de 1979*.

2. DELIMITAÇÃO DA AGRICULTURA A TEMPO PARCIAL

Não iremos reproduzir aqui a discussão subjacente à definição de agricultura a tempo parcial. Tendo como pano de fundo as características da informação estatística com que vamos trabalhar, preocupar-nos-emos tão-só em explicitar claramente os critérios de quantificação.

Retenhamos desde já uma primeira distinção a fazer entre a agricultura de plurirrendimento com pluriactividades — a agricultura a tempo parcial — e a agricultura residual — uma agricultura de rendimento parcialmente agrícola, mas sem corresponder a uma situação de pluriactividade, praticada por uma população envelhecida que recebe reformas e pensões sociais⁴. Uma situação ainda distinta é aquela em que os chefes das explorações ou algum dos membros da família são emigrantes, havendo plurirrendimento (remessas) sem que exista, necessariamente, actividade externa à exploração no próprio país, conduzindo, provavelmente, a práticas económicas e sociais diferentes das subjacentes à agricultura a tempo parcial. Enquanto a emigração será, tendencialmente, uma estratégia para assegurar a viabilidade/reprodução da exploração agrícola, a pluriactividade pode revelar-se uma estratégia de abandono parcial da agricultura.

Dentro destas distinções, é da agricultura a tempo parcial que nos vamos ocupar. Esta define-se, genericamente, pela conjugação, por parte dos agricultores, da actividade agrícola com actividades externas à exploração. Alguns autores introduzem definições operativas, para efeitos de análise empírica, tomando como agricultura a tempo parcial aquela que se refere apenas a situações em que a actividade na exploração ocupa uma determinada percentagem do tempo de trabalho e/ou em que os rendimentos extra-exploração excedem uma certa proporção dos rendimentos totais. Por vezes aplicam estes critérios apenas ao chefe da exploração, enquanto noutros casos os estendem aos outros membros da família.

Ao invés de preestabelecer de forma um pouco arbitrária um critério delimitador, considerar-se-á a dupla actividade o elemento determinante da existência de agricultura a tempo parcial. No que respeita à unidade de observação, é corrente tomar a família como unidade de análise; importa, todavia, ter também em atenção a ocupação do chefe da exploração⁵. De facto, a dupla ocupação dos outros membros do agregado familiar apresenta uma multiplicidade de situações, quer em termos de participação futura no trabalho agrícola, quer de contributo para o rendimento familiar, e pode cor-

⁴ Afonso de Barros, «Modalidades de pequena agricultura», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.ºs 7/8, Dezembro, 1981.

⁵ Ou do chefe de família. Note-se, contudo, que, nalgumas situações, a organização do trabalho se encontra mais ou menos dispersa por vários elementos do agregado familiar.

responder a estratégias familiares distintas de quando o duplo-activo é o chefe da exploração.

Os elementos empíricos que trabalhamos apenas nos permitem fazer uma caracterização estática que, presume-se, reflecte o resultado de estratégias económicas e sociais de maximização, dentro de condicionantes internas e externas à agricultura, dos recursos familiares. Por isso retemos e privilegiamos a família como unidade de observação.

Resulta, então, que o nosso objecto de estudo são as situações em que existe conjugação da actividade na exploração com actividade externa, por parte do chefe da exploração e/ou por parte de outros membros do agregado familiar⁶.

3. A INFORMAÇÃO EMPÍRICA

O *Recenseamento Agrícola do Continente de 1979* constitui a fonte de informação estatística de base. Por se tratar de uma primeira análise, vamos trabalhar apenas os dados relativos ao continente⁷.

4. ENSAIO DE QUANTIFICAÇÃO

Comecemos por reter alguns indicadores de caracterização sumária da agricultura e respectiva importância em termos do número de famílias e da população que abrange.

Indicadores de importância e caracterização sumária da agricultura portuguesa

[QUADRO N.º 1]

	Continente
Famílias agrícolas no total das famílias residentes (percentagem, 1979-81)	27,8
População agrícola familiar no total da população residente (percentagem, 1979-81)	28,9
PAB no PIB (percentagem, 1981)	11,5
Produtores individuais com mais de 45 anos no total dos produtores individuais (percentagem, 1979)	75,0
Explorações de produtores individuais com terra em relação ao total das explorações dos produtores individuais (percentagem, 1979)	99,5
Área média das explorações (hectares, 1979)	6,6
Número de explorações de produtores individuais com área entre 0 ha e 3 ha em relação ao total das explorações de produtores individuais com terra (percentagem, 1979)	76,8
Explorações em que a totalidade ou a maior parte do trabalho agrícola é feita pelo agregado doméstico do produtor individual em relação ao total das explorações de produtores individuais (percentagem, 1979)	93,1

Fontes: INE, *Recenseamento Agrícola do Continente de 1979*; *Recenseamento Geral da População de 1981*; *Contas Nacionais*, 1981.

⁶ Esta delimitação sugere-nos que se trata sobretudo de quantificar a pluriactividade na agricultura portuguesa.

⁷ Futuramente alargar-se-á a análise a unidades regionais significativas. De facto, a vincada heterogeneidade regional das estruturas agrárias portuguesas aponta para a necessidade de proceder a uma espacialização regional. Não constituindo os distritos unidades homogêneas do ponto de vista económico e social, será o concelho a unidade que vamos reter no aprofundamento da análise que agora se apresenta.

Em 1979-81, a percentagem do número de famílias com exploração agrícola no total das famílias era de 27,8%, a que correspondia uma população agrícola familiar da ordem dos 28,9% da população residente total. Estas percentagens revelam, de certa forma, a importância social da agricultura e do espaço social rural em Portugal, que se traduz, basicamente, por constituir uma retaguarda de salários e/ou outros rendimentos⁸ e por constituir uma reserva de força de trabalho para outros sectores económicos.

Trata-se de uma agricultura predominantemente organizada em moldes familiares, com uma contribuição para o produto interno bruto na ordem dos 11,5%, e de dimensão física reduzida — 76,8% das explorações agrícolas dos produtores individuais detêm uma área não superior a 3 ha. Saliente-se, por fim, que 75,0%⁹ dos produtores individuais têm mais de 45 anos.

Fornecido o contexto global mínimo indispensável à análise da agricultura a tempo parcial em Portugal, passemos aos indicadores de quantificação com base nos critérios atrás apresentados.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS CHEFES DA EXPLORAÇÃO. A DUPLA ACTIVIDADE

Tomando o total dos produtores individuais, salientem-se os seguintes aspectos: só cerca de metade (48,7%) dos chefes de exploração têm actividade exclusivamente na exploração agrícola. Dos que ou não têm actividade na exploração ou acumulam com outra actividade externa, o grupo mais importante é o dos duplo-activos (43,9%).

Existe ainda uma pequena percentagem que tem actividade fora, mas não tem actividade na exploração (4,3%). Finalmente, um grupo difícil de caracterizar e que não será aprofundado aqui é o dos chefes da exploração que, paradoxalmente, não têm actividade nem fora nem na exploração (3,0%).

Dos cerca de 779 000 chefes de exploração, 675 000 (86,7%) são homens. Note-se, no entanto, que, para os que têm actividade exclusivamente na exploração, a taxa de masculinidade é mais baixa (cerca de 79,7%): a menor dominância dos homens neste grupo pode provir de variadas situações, como, por exemplo, de uma agricultura residual, de que falámos atrás, ou então do facto de o homem ter actividade exclusivamente fora da exploração. Coloca-se, contudo, aqui a questão de saber se, qualitativamente, não será o chefe de família ou outro membro masculino quem efectivamente toma as decisões importantes relativamente à gestão da exploração, designadamente quanto a sistemas de cultivo, preços e investimentos.

A grande maioria das explorações são explorações com terra. As explorações sem terra representam apenas 0,5% do total. Embora não se faça agora uma análise deste grupo, note-se que tanto a taxa de masculinidade como a percentagem de duplo-activos e de chefes de exploração com actividade externa e sem actividade na exploração são mais elevadas. A dupla actividade é significativamente maior (cerca de 60%). Tratando-se de um grupo quantitativamente minoritário cujo comportamento difere do respeitante às explorações com terra, deixar-se-á para outra altura a análise mais aprofundada deste caso¹⁰.

⁸ Aida Valadas de Lima, «O rendimento em Portugal ao longo da última década», in *Análise Social*, n.ºs 87/88/89, 1985.

⁹ Correspondendo ao 3.º quartil da série de observações. Os produtores individuais com mais de 60 anos representam 36,1% do total.

¹⁰ No tratamento informático atrás referido, o tipo de dados que se apresentam para as explorações com terra está também disponível para as explorações sem terra.

**Caracterização dos produtores individuais (A) e dos outros membros
(de idade superior a 7 anos) do agregado doméstico do produtor (B)**

[QUADRO N.º 2]

	Total em milhares	Com activi- dade exclusiva- mente na exploração (milhares)	Com activi- dade na explo- ração e com actividade fora (duplo-activos) (milhares)	Com activi- dade fora e sem actividade na exploração (milhares)	Sem actividade fora e sem actividade na exploração (milhares)
A. Produtores individuais					
Total das explorações					
HM	778,8	379,8	342,2	33,2	23,6
(Percentagem)	(100,0)	(48,7)	(43,9)	(4,3)	(3,0)
H	675,2	302,8	325,0	30,7	16,7
(Percentagem)	(100,0)	(44,8)	(48,1)	(4,5)	(2,5)
Explorações com terra					
HM	774,8	378,6	339,8	32,8	23,6
(Percentagem)	(100,0)	(48,9)	(43,9)	(4,2)	(3,0)
H	671,5	301,8	322,7	30,3	16,7
(Percentagem)	(100,0)	(44,9)	(48,1)	(4,5)	(2,5)
Taxa de masculinidade	86,7	79,7	95,0	92,6	70,7
Explorações sem terra					
HM	4,0	1,2	2,4	0,4	0,05
(Percentagem)	(100,0)	(30,1)	(59,6)	(9,2)	(1,2)
H	3,7	1,0	2,3	0,4	0,04
(Percentagem)	(100,0)	(27,1)	(61,9)	(9,9)	(1,1)
Taxa de masculinidade	91,4	82,1	95,0	98,6	89,1
B. Outros membros					
Total das explorações					
HM	1667,6	867,5	246,4	143,0	410,7
(Percentagem)	(100,0)	(52,0)	(14,8)	(8,6)	(24,6)
H	546,2	164,9	129,4	85,6	166,3
(Percentagem)	(100,0)	(30,2)	(23,7)	(15,7)	(30,4)
Explorações com terra					
HM	1661,5	865,4	245,7	142,0	408,4
(Percentagem)	(100,0)	(52,1)	(14,8)	(8,5)	(24,6)
H	544,5	164,7	129,2	85,1	165,5
(Percentagem)	(100,0)	(30,2)	(23,7)	(15,6)	(30,4)
Taxa de masculinidade	32,8	19,0	52,6	59,9	40,5
Explorações sem terra					
HM	6,1	2,1	0,7	1,0	2,3
(Percentagem)	(100,0)	(35,6)	(11,2)	(16,3)	(36,8)
H	1,7	0,2	0,2	0,5	0,8
(Percentagem)	(100,0)	(12,6)	(8,8)	(28,4)	(50,1)
Taxa de masculinidade	27,2	9,6	21,5	47,4	37,1

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola do Continente de 1979.

Produtores individuais (explorações com terra) com actividade na exploração e/ou fora da exploração

[QUADRO N.º 3]

	Com actividade exclusiva-mente na exploração		Com actividade na exploração e com actividade fora (duplo-activos)		Com actividade fora e sem actividade na exploração	
	HM (milhares)	H (milhares)	HM (milhares)	H (milhares)	HM (milhares)	H (milhares)
Total dos produtores individuais	378,6	301,8	339,8	322,7	32,8	30,3
Desagregação por:						
A. <i>Tempo de actividade na exploração</i>						
— 50%	94,9	68,5	244,8	233,8	—	—
(Percentagem)	(25,0)	(22,7)	(72,0)	(72,5)	—	—
+ 50%	283,7	233,3	95,0	88,9	—	—
(Percentagem)	(75,0)	(77,3)	(28,0)	(27,5)	—	—
B. <i>Natureza da actividade fora da exploração</i>						
Actividade agrícola	—	—	87,1	81,4	0,7	0,6
(Percentagem)	—	—	(25,6)	(25,2)	(2,2)	(2,1)
Actividades não agrícolas	—	—	252,7	241,3	32,1	29,7
(Percentagem)	—	—	(74,4)	(74,8)	(97,8)	(97,9)
C. <i>Tempo de actividade na exploração e natureza da actividade fora</i>						
Actividade agrícola						
— 50%	—	—	43,2	40,3	—	—
(Percentagem)	—	—	(49,6)	(49,5)	—	—
+ 50%	—	—	43,9	41,1	—	—
(Percentagem)	—	—	(50,4)	(50,5)	—	—
Actividades não agrícolas						
— 50%	—	—	201,6	193,5	—	—
(Percentagem)	—	—	(79,8)	(80,2)	—	—
+ 50%	—	—	51,1	47,8	—	—
(Percentagem)	—	—	(20,2)	(19,8)	—	—

Fonte: INE Recenseamento Agrícola do Continente de 1979.

Apresentam-se aqui apenas os indicadores relativos às explorações com terra¹¹. Debrucemo-nos, sobretudo, sobre a caracterização da dupla actividade: cerca de 72% dos duplo-activos dedicam à actividade na exploração agrícola menos de 50% do tempo¹². As actividades externas à exploração são, por sua

¹¹ Há dados por 15 escalões de área. No aprofundamento futuro desta questão ensaiar-se-á, consoante as espacializações regionais a trabalhar, uma estratificação das explorações por classes de área.

¹² Há dados referentes a 5 escalões de tempo de actividade que foram também trabalhados e que permitem a distinção chefe de exploração/outros membros da família.

vez, predominantemente actividades não agrícolas (cerca de 74% do total)¹³. Todavia, em ainda 25,6% dos casos, a actividade externa é praticada na agricultura. Esta combinação de actividades no interior do mesmo sector agrícola pode apontar, no entanto, para duas situações bem distintas: uma situação de semiproletarização tradicional, chamemos-lhe assim, isto é, a procura de um complemento ao rendimento da exploração através do assalariamento noutras explorações de maior dimensão ou com características patronais¹⁴, ou uma situação em que a actividade externa, ainda que no mesmo sector, se associa sobretudo à prestação de serviços, designadamente os de alugador de máquinas. Esta modalidade aponta para perfis sociais distintos e constituirá já, em particular nalgumas regiões, a forma dominante.

O tempo de trabalho dedicado à exploração é, por sua vez, função, nalguma medida, da natureza da actividade. De facto, os duplo-activos com actividade externa não agrícola maioritariamente (em 79,8% dos casos) dedicam menos de 50% do tempo de trabalho à exploração, enquanto os duplo-activos com actividade agrícola como actividade externa e dedicando menos de 50% do tempo de trabalho à exploração representam cerca de metade (49,6%).

O aprofundamento desta questão através de uma análise tão exhaustiva quanto nos permitem os elementos estatísticos disponíveis, do tempo de actividade na exploração e natureza da actividade fora, revela-se de particular interesse para o estudo da incidência da agricultura a tempo parcial no sector agrícola.

Os agricultores chefes da exploração com actividade exclusivamente na exploração dedicam-lhe, na sua maioria (75% dos casos), mais de 50% do tempo de trabalho. Dos chefes de exploração sem actividade na exploração apenas 2,2% trabalham em actividades agrícolas. Este grupo, que, recorde-se, é minoritário em relação ao total dos produtores individuais, configura uma modalidade bem distinta das anteriores e porventura a forma mais transitória de agricultura a tempo parcial, na medida em que a dupla actividade, a existir, é praticada pelos outros membros da família.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS OUTROS MEMBROS DO AGREGADO FAMILIAR. A DUPLA ACTIVIDADE

Primeira observação: os dados reportam-se aos outros membros da família (excluído o chefe da exploração) com idade superior a 7 anos. O *Recenseamento Agrícola do Continente* fornece-nos elementos quanto à repartição por idades da população agrícola familiar total, desagregando apenas os que trabalham na exploração (exclusivamente ou em dupla actividade). Por isso, e nesta primeira análise, apenas foi possível trabalhar com os de mais de 7 anos.

¹³ Há dados que permitem discriminar as actividades não agrícolas em 5 grandes grupos e que foram igualmente trabalhados (chefes de exploração/outros membros da família). Dentro destas actividades destacam-se, por ordem decrescente de importância, as outras actividades remuneradas (basicamente os serviços), — 49,8% do total dos duplo-activos; o comércio e a hotelaria, — 9,5%, e a indústria (incluindo a indústria extractiva), — 6,0%. No entanto, não existe informação sobre o tipo de situação na profissão (patrões, trabalhadores por conta de outrem, isolados, trabalhadores familiares não remunerados) relativamente à ocupação extra-exploração agrícola.

¹⁴ A articulação entre a pequena exploração familiar e a grande exploração, ou a exploração patronal na mesma região ou noutras regiões, como foi o caso das migrações do Minho e da Beira para as explorações latifundiárias do Sul do País, no período anterior à mecanização da cultura trigueira.

Da análise comparada dos outros membros da família com os chefes da exploração (quadro n.º 2) destacam-se os seguintes aspectos: a taxa de masculinidade é significativamente menor (32,8%); menor é também a percentagem dos duplo-activos (14,8% do total). Pouco mais de metade (52,0%) trabalha exclusivamente na exploração; destes, cerca de 80% são mulheres. Relativamente aos chefes da exploração, note-se ainda que são percentualmente mais importantes os casos daqueles que têm actividade fora e não a têm na exploração (8,6%, sendo mais de metade, cerca de 60%, homens) e, sobretudo, daqueles que não têm actividade nem na exploração, nem fora (24,6 %).

É interessante notar que, percentualmente, não é muito significativo o grupo dos que, tendo uma actividade externa à exploração, não contribuem com trabalho na exploração, isto é, tudo parece indicar que o viver e o pertencer a uma família agrícola¹⁵ implicam algum contributo nas tarefas respeitantes à exploração, sobretudo, como os números sugerem, se se for mulher.

Também aqui, as explorações sem terra apresentam notórias diferenças relativamente ao grosso das explorações — as explorações com terra. Por um lado, nas explorações sem terra, a dupla actividade é sobretudo dos chefes da exploração e, por outro, são mais importantes os grupos dos que ou têm apenas uma actividade extra-exploração ou não têm qualquer actividade.

À semelhança do que se fez no ponto anterior, apenas se apresentam os dados relativos às explorações com terra. Caracterize-se primeiro a dupla actividade: 81,4% dos duplo-activos dedicam à actividade na exploração menos de 50% do tempo; mais de metade são homens. A participação dos outros membros masculinos da família no trabalho da exploração é, portanto, inferior à dos chefes da exploração. Quanto à natureza da actividade externa, verifica-se uma distribuição entre actividade agrícola (27,3% sobretudo mulheres) e actividades não agrícolas (72,7 sobretudo homens) muito semelhante à apresentada pelos chefes da exploração. Se atendermos ao tempo de actividade na exploração por natureza de actividade externa, verifica-se que é ainda maior, relativamente à análise desta questão nos chefes da exploração, a percentagem dos duplo-activos com actividade externa não agrícola e que dedicam menos de 50% do tempo de trabalho à exploração. Dos que têm actividade externa na agricultura, 65,7% dedicam, por sua vez, menos de 50% do tempo de trabalho à exploração. Com actividade exclusivamente na exploração, 58,1% trabalham mais de 50% do tempo; destes, só 14,6% são homens. Dos outros membros com actividade exclusivamente extra-exploração (são homens 60,4% do total), quase todos (95,0%) têm actividades não agrícolas.

Resta-nos, desta análise, chamar a atenção para o facto de a agricultura portuguesa apresentar uma elevada feminização do trabalho. Já o mesmo não sucede, como vimos atrás, relativamente às tarefas de gestão da exploração.

Aplicando esta metodologia de tratamento aos dados fornecidos pelo *Recenseamento Agrícola do Continente de 1979*, quantificou-se e caracterizou-se a agricultura a tempo parcial na óptica das pessoas que constituem o agregado familiar, distinguindo o chefe da exploração dos outros membros da família. Em termos de explorações abrangidas, apenas se pode concluir que pelo menos 43,9% do total das explorações o são a tempo parcial, isto é, são explorações nas quais o chefe da exploração é duplo-activo. Procurar-se-á, no aprofundamento desta problemática, chegar também à quantificação das explorações em que a dupla actividade é apenas dos outros membros da família.

Outros membros do agregado doméstico do produtor (de idade superior a 7 anos; explorações com terra) com actividade na exploração e/ou fora da exploração

[QUADRO N.º 4]

	Com actividade exclusiva- mente na exploração		Com actividade na explo- ração e com actividade fo- ra (duplo-activos)		Com actividade fora e sem actividade na explora- ção	
	HM (milhares)	H (milhares)	HM (milhares)	H (milhares)	HM (milhares)	H (milhares)
Total dos outros membros	865,4	164,7	245,7	129,2	142,0	85,1
Desagregação por:						
A. <i>Tempo de actividade na exploração</i>						
— 50%	362,2	91,0	199,9	112,9	—	—
(Percentagem)	(41,9)	(55,2)	(81,4)	(87,3)	—	—
+ 50%	503,2	73,7	45,8	16,3	—	—
(Percentagem)	(58,1)	(44,8)	(18,6)	(12,7)	—	—
B. <i>Natureza da actividade fora da exploração</i>						
Actividade agrícola	—	—	67,0	23,2	7,0	3,5
(Percentagem)	—	—	(27,3)	(17,9)	(5,0)	(4,1)
Actividades não agrícolas	—	—	178,7	106,0	135,0	81,6
(Percentagem)	—	—	(72,7)	(82,1)	(95,0)	(95,9)
C. <i>Tempo de actividade na exploração e natureza da acti- vidade fora</i>						
Actividade agrícola						
— 50%	—	—	44,0	15,9	—	—
(Percentagem)	—	—	(65,7)	(68,6)	—	—
+ 50%	—	—	23,0	7,3	—	—
(Percentagem)	—	—	(34,3)	(31,4)	—	—
Actividades não agrícolas						
— 50%	—	—	155,9	96,9	—	—
(Percentagem)	—	—	(87,3)	(1,4)	—	—
+ 50%	—	—	22,8	9,1	—	—
(Percentagem)	—	—	(12,7)	(8,6)	—	—

Fonte: INE Recenseamento Agrícola do Continente de 1979.